

## O plano não deu certo

Existe uma saída rápida e eficaz: obrigar deputados, senadores, presidentes, governadores e prefeitos a se tratarem na rede pública de saúde

*Leo Aversa, 02/05/2023*

Link: <https://oglobo.globo.com/cultura/leo-aversa/coluna/2023/05/o-plano-nao-deu-certo.ghtml>

Agora que entreguei o Imposto de Renda posso aguardar a segunda facada do outono: o aumento do plano de saúde. Neste mês sai o reajuste de 2023. Deve ser acima da inflação, mais uma vez.

A minha formação é de Humanas, a matemática nunca foi o meu forte, mesmo assim ando fazendo umas contas: se os planos de saúde aumentam com a idade e acima da inflação, como vou fazer para pagar os boletos quando estiver com os meus 70, 80 anos? É um cálculo que não fecha, a não ser com um bilhete de Mega-Sena premiado ou uma dose de LSD.

Se você não acumulou um grande patrimônio, existe uma grande chance de que os seus ganhos diminuam com a aposentadoria. Como equilibrar essa realidade com as mensalidades do plano em disparada? É bem possível que, após pagar décadas e décadas de plano, você fique sem ele quando mais precisar.

Mais:

Os planos de saúde estão com problemas, ou ao menos é o que dizem. As tais dificuldades só agravam uma tendência que existe há alguns anos, os cortes na rede credenciada. Acho que muitos leitores já devem ter passado por essa experiência: você precisa ir a um laboratório, clínica ou hospital a que está acostumado e descobre no telefone ou, pior, na recepção que o seu convênio não é mais aceito. Finito. Foram substituídos por outros ou que são inferiores ou que ficam bem mais longe. Na contratação, os planos são sempre uma maravilha: é Samaritano pra cá, Copa D'Or pra lá, Clínica São Vicente de brinde, São José e Pró-Cardíaco no esquema. Passa o tempo, e quando você precisa só tem um laboratório que atende de madrugada em Paquetá, uma clínica mais ou menos pra lá de Paracambi ou a emergência de um hospital detonado em Macaé. Azar do paciente. Os planos agora funcionam na base do “Perdeu, playboy” e do “Não gostou? Vai embora”.

Estamos ferrados?

Se houve algo de positivo na pandemia é que a gente aprendeu que na hora do vamos ver quem resolve mesmo é o SUS. Nós, os mais de 50 milhões de clientes de planos de saúde, quase um quarto da população, tivemos uma aula sobre a importância da saúde pública de qualidade para todos.

Talvez por ter acabado de entregar o Imposto de Renda, talvez pela expectativa de um aumento disparatado no plano, me ocorreu essa ideia louca, insana mesmo: e se o governo regulasse a sério o setor de saúde e, mais importante, se investisse o necessário para ter um SUS eficiente para todos? Não quero contrariar os políticos que são donos de operadoras de saúde ou redes de hospitais e nem os tantos outros ligados a eles. Longe de mim querer atrapalhar o negócio milionário alheio, mas quem sabe se uma vez, uma vezinha só, eles pudessem pensar na saúde da maioria e não no bolso de meia dúzia? Nos 99% e não no 1%? Difícil. Provavelmente vou chegar aos meus 70 ou 80 sem ver esse momento.

Na verdade, até existe uma saída mais rápida e eficaz: basta obrigar deputados, senadores, presidentes, governadores e prefeitos — e suas respectivas famílias — a se tratarem exclusivamente na rede pública de saúde. Podem anotar: em seis meses vai ter um quarteto de cordas na UTI do Miguel Couto, uma adega climatizada no refeitório do Pedro Ernesto e, claro, valet na entrada do Hospital do Andaraí. Quando falta solidariedade, empatia e visão de futuro, só o pragmatismo radical resolve.